



EM CENA: O TEATRO DO PATEO PARA A CIDADE

Teatro no século XIX



REALIZAÇÃO:



PATEO DO
COLLEGIO



IPÊS
JESUÍTAS BRASIL



FUNDAÇÃO
THEATRO
MUNICIPAL



Fundação
Energia e
Saneamento

EM CENA:

O TEATRO DO PATEO PARA A CIDADE

Os teatros de São Paulo no século XIX

Durante o século XVIII na cidade de São Paulo, nesse momento ainda subordinada a um status provincial muito menor do que seria futuramente, houve a construção dos primeiros espaços destinados a espetáculos musicais e teatrais: as Casas de Ópera. Uma delas ficava localizada na Rua de São Bento, e a outra no Palácio dos Governadores da época, onde atualmente se encontra o Pateo do Collegio. Dentro desses locais, havia a apresentação de um repertório musical bem variado, desde farsas até tragédias, as quais eram denominadas popularmente e genericamente como “óperas”. Conforme apresentado por Edson Silva¹, os artistas responsáveis por encenar essas obras eram comumente pessoas das mais baixas camadas sociais, como negros alforriados, professores de primeiras letras, estudantes ou pequenos funcionários públicos.

Apesar do imponente nome recebido por esses lugares, as construções em si não tinham nada que as diferia propriamente de outros sobrados da região. A Casa de Ópera do Palácio, por exemplo, era feita de taipa, com paredes de barro, sem ornamentos arquitetônicos, e o espaço por fora não parecia de fato o que era. Ao mesmo tempo, era um edifício com passagem estreita, iluminação precária, poucas decorações, e bancos de madeira que eram destinados para caber 350 pessoas na plateia². Nesse sentido, a precariedade e baixo uso desses espaços dialogam especialmente com o contexto da própria São Paulo da época, uma pequena vila, ainda com poucos retornos financeiros, que tinha uma importância apenas regional.

Ao longo do século XIX, a cidade é impulsionada sobretudo pelo enorme comércio cafeeiro, que promoveu uma expansão urbana notável, no quesito em que foram se instalando pessoas, lojas, restaurantes e hotéis que iriam servir para essa nova São Paulo. Ao mesmo tempo, as primeiras correntes imigratórias da região também foram de grande valia não só para o aumento populacional, mas também por contribuir com a dispersão pelo gosto da música, especialmente as advindas da Itália e Alemanha. Dessa maneira, essas mudanças vividas gradualmente fomentaram o crescimento de atividades de lazer para o público, colaborando para a fundação de novos teatros.

Um dos primeiros locais que representam essa expansão cultural do período foi o Teatro do Palácio. Fundado entre os anos de 1811 e 1813, funcionava anexado ao Palácio dos Governadores, e apesar de termos poucas informações sobre ele, sabe-se que em 1832 o espaço foi cedido para a Sociedade Harmonia Paulistana, adotando posteriormente o

1 SILVA, Edson Santos. De arribanas a teatros: espaços teatrais em São Paulo no século XIX. In: Pitágoras, 500, vol. 2. 2012. P. 85.

2 VIANA, Fausto R. P. Elaboração e viabilidade de um museu de teatro na cidade de São Paulo. Tese apresentada ao Departamento de Arquitetura, Urbanismo, Geografia e Artes Plásticas da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção do Grau de Doutor em Museologia. Lisboa, 2010. P. 109.

nome de Teatro Harmonia Paulista.

No ano de 1827, foi fundada a Academia de Direito Paulista, na região do Largo de São Francisco, trazendo um grupo de agentes muito importantes para esse contexto teatral: os estudantes dessa instituição. Já nos primeiros anos após a fundação da faculdade, um grupo de alunos formou uma sociedade acadêmica e alugou o prédio da Casa da Ópera com o objetivo de realizar atividades voltadas para o teatro acadêmico. Nesse sentido, é importante destacar que durante esse período houve a ação de nomes fundamentais não só para a expansão teatral, mas também para o contexto literário do movimento romântico, como Álvares de Azevedo, Castro Alves, José de Alencar, entre outros ³. Tal presença é interessante pois durante esse período, especialmente devido ao momento de Independência do Brasil, esses autores foram de grande auxílio para a construção de uma identidade nacional, não só pelo que escreviam, mas também pelas suas contribuições nesses espaços de dramaturgia.

O ano de 1860 marcou o fim do Teatro do Palácio, que recebeu ordem de ser demolido devido ao risco de incêndio. No mesmo ano, ocorreu a fundação do Teatro do Batuíra, uma modesta construção que funcionava na Rua da Cruz Preta, número 10, atual Rua Quintino Bocaiúva. Tal qual os outros edifícios mencionados, também não era de grande luxuosidade, e possuía um espaço pequeno para plateia, não comportando mais que 200 espectadores, que eram em sua maioria os estudantes da Academia de Direito.

Em 1864, foi inaugurado provavelmente o mais famoso edifício teatral do século, o Teatro São José, localizado na atual Praça João Mendes. A construção desse espaço causou grande repercussão entre o público, visto que seu projeto visava estabelecer um edifício majestoso, com camarotes, tribunas para camarins, largos corredores e um grande espaço para contemplar a plateia. Entretanto, o projeto luxuoso não se cumpriu, e no momento da abertura do São José suas obras ainda não haviam sido concluídas, logo, ele apresentava defeitos estruturais notáveis, como uma acústica deficiente, acomodações inadequadas para os artistas, e plateia com pouca capacidade de público, visto que algumas pessoas só conseguiam assistir os espetáculos com cadeiras levadas pelos escravos.



Imagem: mapa de S. Paulo, 1877

3 VIANA, Fausto R. P. *Elaboração e viabilidade de um museu de teatro na cidade de São Paulo*. Tese apresentada ao Departamento de Arquitetura, Urbanismo, Geografia e Artes Plásticas da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção do Grau de Doutor em Museologia. Lisboa, 2010. P. 111.

Apesar desses problemas, em 1874 as reformas desse local foram finalizadas, e tendo nesse momento mais espaço para comportar o público, o São José conseguiu atrair grandes nomes e companhias para São Paulo. Além dos próprios estudantes da faculdade no Largo de São Francisco, vieram muitas companhias do Rio de Janeiro, cantores líricos de diversos países, companhias espanholas e portuguesas, e uma plateia que viajava de outras cidades apenas para acompanhar as encenações daquele lugar.

Durante essa mesma década, as modificações vividas na cidade atingiam o seu auge, as ondas imigratórias já eram uma realidade, e o aumento do consumo musical também, muito por causa das canções trazidas por esses novos habitantes. Ao mesmo tempo, a construção de uma estrada de ferro que ligava São Paulo com o Rio de Janeiro em 1877 também promovia um maior deslocamento interno, que foi acompanhado com um grande surto de construção dos teatros⁴.

Dentre eles, é interessante destacar o espaço do Teatro Provisório Paulistano (1873), que sofreu com fechamentos e reaberturas ao longo de sua história, encerrando definitivamente suas atividades no final do século já com o nome de Teatro Apolo. Além dele, o Teatro Politeama (1892), um barracão de zinco muito amplo, com espaço para cerca de 564 cadeiras na plateia, era conhecido popularmente por ter a melhor acústica da cidade, mas infelizmente pegou fogo no ano de 1914, consequentemente sendo destruído.

Por fim, a última dessas construções do século XIX foi o Teatro Santana (1900), erguido no local onde ficava o Apolo, possuía muito mais pompa do que a maioria de seus antecessores, com melhor iluminação e assentos similares aos modernos teatros da Europa, mas foi vendido em 1912 ao governo para a construção do Viaduto Boa Vista. Sobre esses lugares, especialmente os mais antigos sofreram muito devido a competição com o São José, visto que ele conseguia atrair mais o público para as apresentações.

Porém, o ano de 1898 trouxe uma nova direção para a vida teatral de São Paulo, pois no dia 15 de fevereiro desse ano, um grande incêndio tomou o prédio do Teatro São José, que precisou ser fechado em decorrência dessa tragédia. A reinauguração só aconteceria no ano de 1909, agora na região do Vale do Anhangabaú. No dia da reabertura, um grande público pôde prestigiar a execução do Hino Nacional seguida da introdução da ópera *O Guarani*, de Carlos Gomes⁵, baseada na obra literária de mesmo nome escrita por José de Alencar.

Sobre o teor dos espetáculos que eram apresentados na cidade, Ernani Silva Bruno⁶ aponta em sua obra que apesar de uma relativa variedade estilística, ainda chamavam muita atenção no final do século peças com carga mais dramática e trágica, como *O Conde de Monte Cristo*, *As Duas Órfãs*, ou *Os Sete Infantes de Lara*. Nesse sentido, um autor teatral que ganhou uma projeção local na época foi Francisco Emílio Opperman,

4 BRUNO, Ernani Silva. História e tradições da cidade de São Paulo. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. Volume 3. p. 1302.

5 VIANA, Fausto R. P. Elaboração e viabilidade de um museu de teatro na cidade de São Paulo. Tese apresentada ao Departamento de Arquitetura, Urbanismo, Geografia e Artes Plásticas da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção do Grau de Doutor em Museologia. Lisboa, 2010. P. 116.

6 BRUNO, Ernani Silva. História e tradições da cidade de São Paulo. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. Volume 3. pp. 1296-1299

apelidado de Chico Metralha, que costumava escrever obras com um tom parecido com as citadas anteriormente.

Outro momento que chamava atenção na cidade certamente era quando o Teatro São José estreava alguma das companhias famosas da corte, em sua maioria com astros portugueses e atrizes francesas, que apresentavam dramalhões, comédias, operetas etc. Ao mesmo tempo, outros grupos estrangeiros se tornaram bem famosos durante o período, como o Grupo Dramático Gil Vicente e a Sociedade Germânia, que apresentava operetas de sucesso, demonstrando novamente a incidência musical como aliada da repercussão teatral.

Em relação ao público que consumia tais encenações, a maior parte pertencia a uma elite que podia ter acesso aos espetáculos. Ao final do século, essa camada cada vez mais letrada e culta já não se agradava mais por boa parte do que era apresentado nos teatros, clamando então por uma nova estilização da arte de encenar.

Sendo assim, já no início do século XX, surgiu um espaço responsável por suprir essa demanda de mudança cultural que parte do público almejava: o Theatro Municipal de São Paulo, construído no Vale do Anhangabaú. Tendo o início de sua construção em 1903 e finalizada em 1911, o suntuoso edifício contava com uma arquitetura externa em estilo barroco, que os artistas italianos chamam de “seicento”. Ademais, as técnicas e materiais para a realização do projeto possuíam um estilo europeu marcante, conseguindo trazer toda a elegância e luxuosidade que muitos esperavam para a cidade. Dessa forma, o Municipal já no início de seu funcionamento conseguiu se firmar no imaginário popular como uma das construções mais belas da cidade, tendo ao todo sete pavimentos divididos em um amplo espaço, e uma lotação de 1816 lugares, podendo comportar uma extensa plateia.



Foto: Theatro Municipal em construção

No dia de sua inauguração, 11 de setembro de 1911, a primeira apresentação tocada pela orquestra também foi a abertura da ópera *O Guarani*⁷, demonstrando mais uma vez o quão fundamental foi o movimento do romantismo para esse momento, especialmente na criação da identidade nacional. Assim sendo, o Municipal entrou fortemente na vida paulistana, estabelecendo uma renovação no cenário cultural da cidade. Portanto, entende-se que o local em questão, além de constituir um marco temporal de finalização das mudanças iniciadas ao longo do XIX, também promoveu um marco simbólico, trazendo novas dinâmicas para a realidade artística de São Paulo.

Bibliografia

BRUNO, Ernani Silva. História e tradições da cidade de São Paulo. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. Volume 3.

SILVA, Edson Santos. De arribanas a teatros: espaços teatrais em São Paulo no século XIX. In: Pitágoras, 500, vol. 2. 2012.

VIANA, Fausto R. P. Elaboração e viabilidade de um museu de teatro na cidade de São Paulo. Tese apresentada ao Departamento de Arquitetura, Urbanismo, Geografia e Artes Plásticas da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção do Grau de Doutor em Museologia. Lisboa, 2010.

7 VIANA, Fausto R. P. Elaboração e viabilidade de um museu de teatro na cidade de São Paulo. Tese apresentada ao Departamento de Arquitetura, Urbanismo, Geografia e Artes Plásticas da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção do Grau de Doutor em Museologia. Lisboa, 2010. P. 120.